



## CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS

*(Recolhidos da tradição oral)*

## XIV

## Conto dos passarinhos verdes

Havia uma princeza e era por costume todos os dias ir pente ar-se n'uma janella que deitava para a varanda. Um dia, estava penteando-se, veio um passarinho verde levou-lhe a fita do cabello. A pequena ficou muito triste. No dia seguinte tornou a ir pentear-se ao mesmo sitio. Veio o passarinho e levou-lhe o pente. No outro dia estava-se penteando levou-lhe o penteador. A princeza tão scismatica por taes coisas cahiu de cama e nunca mais falou. O rei mandou deitar um pregão, que daria uma tença a quem fosse capaz de fazer fallar a princeza. Uma velha teve por noticia que o rei dava uma tença, e disse para uma filha: O' filha, eu vou ver se faço rir e falar a princeza.—

Mãe, não vá; vossemecê está doida; entre tantas pessoas ninguém a faz falar, só vossemecê sendo velha imagina tal; anotece-lhe no caminho e vae passar alguns trabalhos.—Pois, filha, já me vou metter a caminho. Marchou a velha. Já cançada de andar, anoiteceu-lhe no caminho. A mulher ficou muito assustada ao ouvir um grande barulho; olha para o lado e quando vê um bando de passarinhos verdes e abrir-se uma pedra; elles entraram e a velha entrou tambem atraz d'elles. Chegou lá a baixo era um grande palacio; viu uma mêza com todas as iguarias, viu um espeto ao lume sem ninguém lhe mexer; a velha foi a mexer no espeto e levou com elle na cara. Ella o que fez metteu-se atrez da porta. Passado uma hora viu ella um passarinho verde banhar-se n'uma bacia, depois transformou-se n'um principe. Chegou ao pé d'uma commoda, abriu um gavetão e disse: *Fita, pente, penteador, quem me dera ver o meu lindo amor.* Depois sentou-se, á meza, ceou, depois foi-se deitar. A velha sempre atraz da porta. De manhã muito cedo levantou-

se o principe tornou-se a banhar n'uma bacia ficou n'um passarinho, depois vieram os outros companheiros e todos sahiram. A velhã sahiu atraz d'elles. Seguiu a viagem a casa da princeza. Chegou á porta do palacio. Os criados não a deixavam entrar. Tanto teimou até que conseguiu. Chegou ao quarto, perguntou á princeza como estava, a qual não lhe respondia. Começou a dizer assim: Anoiteceu-me no caminho, depois ouvi um barulho, vi um rancho de passarinhos verdes... A princeza assim que ouviu falar em passarinhos verdes disse logo:—Conta velha; e levantou-se da cama. Tudo ficou admirado em palacio, de tantas pessoas ninguem fez falar a princeza senão a velha. A velha foi contando tudo e a princeza pediu ao pae que a deixasse ir com a velha. Foi, chegou ao sitio, sentaram-se em cima da pedra, viram os passarinhos verdes e ellas entraram com elles e esconderam-se detraz da porta. Veio o passarinho, banhou-se na bacia, transformou-se n'um principe, chegou á comoda, abriu o gavetão e disse:—*Fita, pente, penteador, quem me dera ver o meu lindo amor.* A princeza sahiu detraz da porta: Aqui estou eu. Houve grande festa em palacio, casaram e a velha ficou para aia e com muito dinheiro e escreveu á filha contando-lhe o passado.

## XV

Estou n'um ôgo

Era uma vez uma princeza e mandou deitar pregão que casa-

va com aquelle que soubesse responder á pergunta que ella fazia. Foi muita gente e ninguem soube responder. Um negociante foi com um criado e no caminho encontrou uma gallinha no choco e tirou-lhe um ovo. Disse o amo: Para que queres tu isso?—Deixe, meu amo, é para o que der e vier. Chegou mais para diante encontrou uns pausinhos e mettu-os no alforge. Lá mais para diante ao amo da-lhe vontade de fazer necessidade e diz-lhe o criado: Faça aqui n'este lenço.—Para que guardas tu isso?—Tudo serve, meu amo, é para o que dêr e vier. Chegaram a palacio. Foi o amo a ver se sabia responder. Veio para fora e diz para o criado:—Eu sei la o que ella diz! Que está n'um ôgo. Que está n'um ôgo. Eu entendo-a lá!—Deixe, meu amo, que eu la vou ver se a entendo. Entrou, e á princeza deu-lhe logo vontade de rir quando o viu, e depois disse-lhe:—*Estou n'um ôgo, E elle respondeu-lhe:—Asse este ovo. E tirou o ovo da mochila.—Não tenho lenha.—Ella aqui está,—e tirou os dois pausinhos.—Tu és um m.... —Apare lá,—e dá-lhe o lenço. E ella teve de casar com elle.*

## XVI

Março, Marçagão...

Um homem pobre mas trabalhador, casou por sua desgraça com uma mulher preguiçosa. Cada vez que o homem vinha para casa perguntava:—O' mulher, o que fizeste?—Fiei todo o santissimo dia, respondia ella por conselhos da mãe. O mari-

do ficava calado. Passado tempo diz-lhe a mãe: O' filha é preciso, para teu marido não desconfiar que não tens feito nada. que vamos ao ribeiro fingir que lavamos e córamos as meadas. Assim fizeram, e para enganar mais o marido levaram uns cestos com uns bocados de esteirões, e muito que comer e que beber. Assim que chegaram ao ribeiro prantaram-se de suciata a comer e a beber e prantaram os esteirões ao sol. (Era em março). O marido, que já andava desconfiado da tramoia, foi espreitar. Assim que viu aquelle *embrechado*, envolve-se n'um lençol e desata á pázada á mulher dizendo com falla de Médico:

*Eu sou março, marçagão,*

*Curo meadas, esteiras não.*

A mulher veio derreada para casa e dizendo-lhe o marido:

—O que tinha?

Ella contou-lhe o caso. Vae elle disse-lhe:

—Pois, olha, mulher, faz o que o Março te disse.

Ella assim fez, trabalhou sempre d'ahi para diante. Seja Deus louvado, está o meu conto acabado.

*Johel.*

## A MÃE DE S. PEDRO

*(Conto popular)*

A mãe de S. Pedro era muito soberba e invejosa. Nunca deu uma esmola. Só um dia estando a lavar n'um ribeiro alhos-porros, e tendo-lhe a agua levado um, como o não podesse agarrar, disse: Vae pelas almas. Tendo morrido foi para o inferno.

S. Pedro muito afflicto foi ter com Deus, e pediu-lhe para que lhe deixasse ir tirar a mãe ao inferno.—Não pode ser Pedro, lhe disse Deus, pois que tua mãe não deu uma esmola emquanto andou no mundo, só deu ás almas um alho-pórro, que não pôde agarrar; mas se com isso a poderes tirar, vae então tirala a onde está, com a condição de que todas as almas que se agarrarem a ella tambem virão para o céu. S. Pedro muito contente foi ao inferno, e pegando no alho-porro que a mãe tinha dado ás almas, disse á mãe que agarrasse na rama do alho-porro para elle a tirar do inferno. A mãe agarrou logo as pontas do alho-porro e S. Pedro puchando por elle levantou a mãe que vinha com muitas almas agarradas a ella. Vendo isto a mãe de S. Pedro, começou aos pontapés ás almas e tantos pontapés e empuchões deu até que quebrou ao meio o alho-porro, indo outra vez cahir ao inferno juntamente com as almas que a rodeavam. Vendo isto, S. Pedro foise queixar ao Senhor, e este disse-lhe:—Pedro tua mãe ainda no inferno é soberba e invejosa, e tendo perdido o unico meio de salvação que lhe dei fica condemnada a ficar aonde está. E por esta fôrma ficou a mãe de S. Pedro no inferno.

(Este conto foi colhido na freguezia de Cidadelhe, do concelho de Mesão-frio).

*J. J. Gonçalves Pereira.*

## FOLK-LORE MAIATO

## IX

Para nos defumarmos em jejum

Jesus, nome de Jesus,  
Assim como a Virgem Nossa Senhora  
Deu os pannos de seu amado filho a  
cheirar:

Assim me defume eu a mim,  
Para sarar.  
Em louvor das tres pessoas  
Da Santissima Trindade;  
Se ellas quizerem como podem,  
D'onde este mal veio,  
P'ra la torne.

## X

Ao deitar da cama

N'esta sepultura me deito,  
Na sepultura dos vivos,  
P'ra dormir e descansar,  
S'a morte vier por mim,  
E eu não lhe possa fallar;  
Meu coração diga trez vezes:—  
Jesus, Jesus, Jesus do meu coração,  
Toca a reza os anjos a *atangem*,  
Christo adore a venturosa alma,  
Que se deita n'esta hora;  
Deus na cama, Deus no leito,  
E no cantinho onde m'eu deito.

## XI

Para ajudar a bem morrer

Amor de Deus põe-te firme na fé,  
Nosso Sinhor Jesus Christo contigo é,  
Morrerás e passarás,  
No campo de *Joaphás*.  
Lá te apparecerá o inimigo,  
E elle te perguntará:  
«—Que signaes de Christo levas?»  
—Uma bela branca accessa na mão,  
Arreda de mim Satanaz,  
Parte na minh'alma não terás.  
Dia de Santa Cruz de Maio,  
Cem vezes me ajoelhei,  
Cem vezes me perseguinei,  
Cem Ave-Marias rezei,  
Cem vezes o chão beijei,  
E a minh'alma aproveitei

A N. Sinhor Jesus Christo a entreguei.

## XII

Oração de Nossa Senhora

Encontrei Nossa Senhora,  
C'um ramo d'ouro na mão,  
Eu pedi-lhe um bocadinho,  
Ella disse-me que não.  
Eu tornei-lh'o a pedir,  
Ella deu-me o seu cordão;  
O' meu padre S. Francisco,  
Vós benzei-me este cordão,  
Que m'o deu Nossa Senhora,  
Quinta feira d'Assumpção,  
Que lhe dêsse doze voltas  
Ao redor do coração.  
D'um lado está S. Bento,  
D'outro lado S. João,  
No meio 'stá o retrato,  
Da Virgem da Conceição.

## XIII

O Padre-Nosso pequenino

Padre-Nosso pequenino,  
Set'anjinhos vão comigo,  
Sete livrinhos a lèr;  
Sete velinhas 'arder;  
Cruz em monte, cruz em fonte,  
Nunca o Diabo comigo encontre,  
Nem de noite, nem de dia,  
Nem ao pino do meio dia;  
Já os anjinhos se levantão,  
Já o Sinhor subiu à cruz,  
Para sempre—amem Jesus.

## XIV

Oração do peregrino

Oração do *peligrino*;  
Quando Deus era menino,  
Poz o pé no seu altar,  
O sanguinho a pingar,  
.....  
Tente, tente, Magdalena,  
Não me queiras alimpar;  
Isto são as cinco chagas,  
Que nós temos de passar,  
Pelos mortos, pelos vivos,  
P'ra nos remir e salvar.